

KADER ATTIA

Artes Visuais x



AS RAÍZES TAMBÉM SE CRIAM NO BETÃO

20 outubro 2018 - 6 janeiro 2019

Kader Attia (Paris, 1970) é um artista francês de origem argelina cujo trabalho, nos vários meios que utiliza (escultura, instalação, colagem, vídeo ou fotografia) tem vindo a refletir sobre o peso da herança colonial e os processos históricos ligados à assimilação, à cura e à reparação, nos vários sentidos destes termos. A sua obra, frequentemente com grande repercussão política, interroga a relação entre o indivíduo, a sua história pessoal e a memória coletiva, bem como os processos de exclusão social no mundo pós-colonial, encontrando sempre a complexidade das várias instâncias de assimilação e a conflitualidade que é inerente ao peso histórico do colonialismo e à realidade dos processos migratórios.

A exposição *As raízes também se criam no betão* propõe uma circulação do espectador por situações que, intimamente ligadas às memórias pessoais do artista, interrogam a relação entre o corpo e o espaço urbano, o caráter dúbio do enraizamento do emigrante, a migração de formulações culturais e as estruturas psicológicas do poder.

Quer nas colagens e nas imagens de arquivo que descodificam a inspiração e o enraizamento do modernismo arquitetónico nas influências muitas vezes obliteradas da arquitetura do norte de África, passando pela experiência proposta ao espectador de caminhar sobre os telhados da complexa estrutura de um casbá (ou de um bairro de arquitetura precária e vernacular em qualquer parte do mundo), ou nos filmes documentais que dissecam situações de violência física e psicológica, a exposição evoca sempre a ferida e o fantasma do trauma individual e coletivo.

Esta exposição foi originalmente organizada pelo MAC VAL – Musée d’art contemporain du Val-de-Marne.



Les Héritages du corps: le corps postcolonial, 2018 (pormenor). Cadeira reparada, vídeo HD monocal, 16:9, cor, som, 48'78, 44 x 50 cm (cadeira)

Foyer

À entrada da exposição encontra-se a obra intitulada *On n'emprisonne pas les idées* (Não se aprisionam as ideias) que consiste numa barreira – do mesmo tipo das que são utilizadas em obras na via pública, mas também na contenção de manifestações e motins. Ao condicionar a circulação, a estrutura metálica, onde se encontram encaixadas pedras que poderiam ser oriundas de uma qualquer revolta, instaura uma situação de controlo que é vivida como uma limitação da livre circulação no espaço público, com todas as inerentes consequências sociais e políticas.

Entrada

A obra que dá o título à exposição é um conjunto escultórico que assenta sobre barrotes de madeira e estruturas de betão recolhidas em demolições na área de Berlim onde o artista vive e que possuem as marcas da passagem do tempo e da história.

Restauradas com agrafos e ostentando as cicatrizes da passagem do tempo, as peças corporalizam a ideia de reparação que tem vindo em várias instâncias a constituir o centro do trabalho de Kader Attia e possuem, como que embebida na sua materialidade, as cicatrizes da história do século XX berlinense.

Salas 1 e 2

A exposição continua com uma instalação aqui apresentada em duas salas contíguas que parte do elo entre o modernismo arquitetónico do estilo internacional e a arquitetura do norte de África. Partindo do confronto entre dois segmentos de filmes protagonizados por Jean Gabin (*Pépé le Moko*, de 1937 e *Mélodie en sous-sol*, de 1963) e uma escultura em metal que evoca a arquitetura de subúrbio – contrapondo a memória do casbá aos bairros habitacionais dos arredores de Paris, construídos em grande parte por mão de obra emigrante – a instalação complexifica-se com o conjunto de imagens fotográficas e colagens que explicitam a influência que a arquitetura do Magrebe exerceu na formação do modernismo de, por exemplo, Le Corbusier.

Sala 3

Na sala seguinte é apresentado um filme *Les héritages du corps: le corps postcolonial* (As heranças do corpo: o corpo pós-colonial) que, a partir de entrevistas e depoimentos de filósofos, psicólogos, antropólogos e ativistas, problematiza a relação do emigrante com o espaço urbano, a sua necessidade de desaparecimento ou, pelo contrário, a compulsão

de afirmação grupal, equacionada a propósito de um episódio de violência policial ocorrido em fevereiro de 2017 nos arredores de Paris contra Théo Luhaka. Na sequência da exposição mediática do caso e do debate político extremado que este suscitou, uma vaga de contestação irrompeu nos bairros habitacionais da periferia de Paris, trazendo, mais uma vez, a nu a complexa situação dos emigrantes de segunda geração, as suas questões de afiliação e o debate sobre a integração.

Sala 4

A instalação *Kasbah*, criada para a Bienal de Sydney de 2010, é aqui confrontada com o filme *La Tour Robespierre* (A Torre Robespierre), deste ano. *Kasbah* propõe ao visitante que acesse o telhado de um qualquer bairro da lata, uma construção precária e vernacular realizada com materiais de construção recolhidos, comum a tantas cidades no mundo, situação que o visitante necessita de experimentar para prosseguir na visita à exposição.

A instalação confronta-se com um vídeo que o artista realizou para a exposição no Museu de Arte Contemporânea do Val-de-Marne (MAC VAL), filmada com um drone sobre o edifício de habitação mais alto de Vitry-sur-Seine.

Como o próprio artista afirma, o caráter quase sublime da repetição do padrão da fachada é emblemático de uma cultura utópica de alojamento social, aqui apresentada no seu caráter vertiginoso e simbólica do exercício de controlo e do exercício do poder, em tudo oposta à vernacularidade orgânica do casbá.

Corredor

A noção de reparação, agora aplicada ao corpo, é também associada por Kader Attia ao corpo transgénero, corpo reparado e corrigido, cuja imagem mantém a memória de si mesmo como processo. As imagens de transexuais argelinas apresentadas à escala real (*Christine des îles*, *Olivia de Blida*, *Mounira l'oranaise*, *Kinuna l'algéroise*) refere, segundo o próprio artista, a bravura que está implícita na posição pública – e, nesse sentido, política, de ostentar um corpo modificado, transformado e corrigido segundo uma vontade subjetiva.

O conjunto de obras que se seguem possuem um traço comum: a convocação autobiográfica através das memórias pessoais, mas também a relação entre a história pessoal e os processos da história social e política. A primeira dessas peças, *Parfum D'Exil* (Perfume de Exílio), deste ano, faz deste ano, continua a convocação da memória

peçoal, fazendo girar, numa betoneira, uma enorme quantidade de cravinho. A betoneira está ligada à expansão da construção em betão, com sentidos e em situações muito contraditórias: na superação da extrema precaridade em situações sociais e habitacionais carenciadas, mas também simbolisa o crescimento das periferias das grandes cidades há meio século, como alude, aqui, à história da família do próprio artista. O cheiro intenso a especiarias que se espalha na sala sintetiza toda a história das migrações, da deslocalização e da nostalgia da memória.

Sala 5

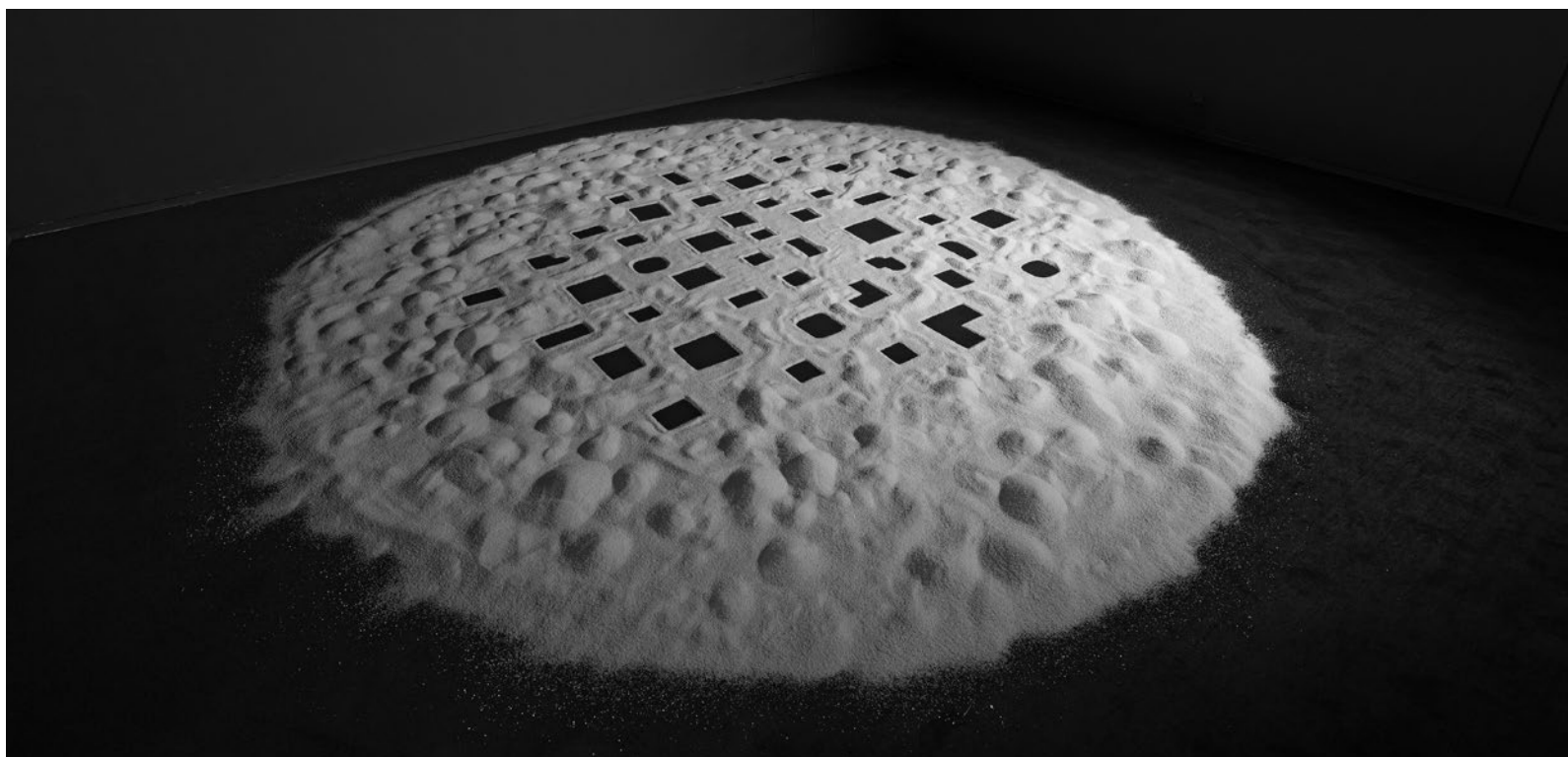
Untitled (couscous), de 2009, continua a convocação dessa memória pessoal. Trata-se de uma duna de couscous, na qual se recortam as plantas de hipotéticas habitações. Em várias obras deste período, Attia faz alusão à cidade de Ghardaia, no Sahara argelino. A arquitetura desta cidade fortificada influenciou enormemente Le Corbusier, que a visitou na década de 1930, mas o facto de ser um dos vestígios da civilização Ibadita, que representou uma terceira via em relação ao confronto entre Xiitas e Sunitas, traz consigo uma simbologia

própria. Da mesma forma que a utilização do couscous estabelece um campo comum entre as culturas do norte de África e da bacia do Mediterrâneo, também a necessidade do estabelecimento de campos comuns políticos e culturais aqui surge aludida.

Sala 6

A exposição termina com um filme, *Réfléchir la memoire* (Refletir a memória) que conecta a noção de *membro fantasma* (a sensação que pessoas que sofreram amputações podem ter de dor em partes do corpo que não possuem) com a noção de trauma

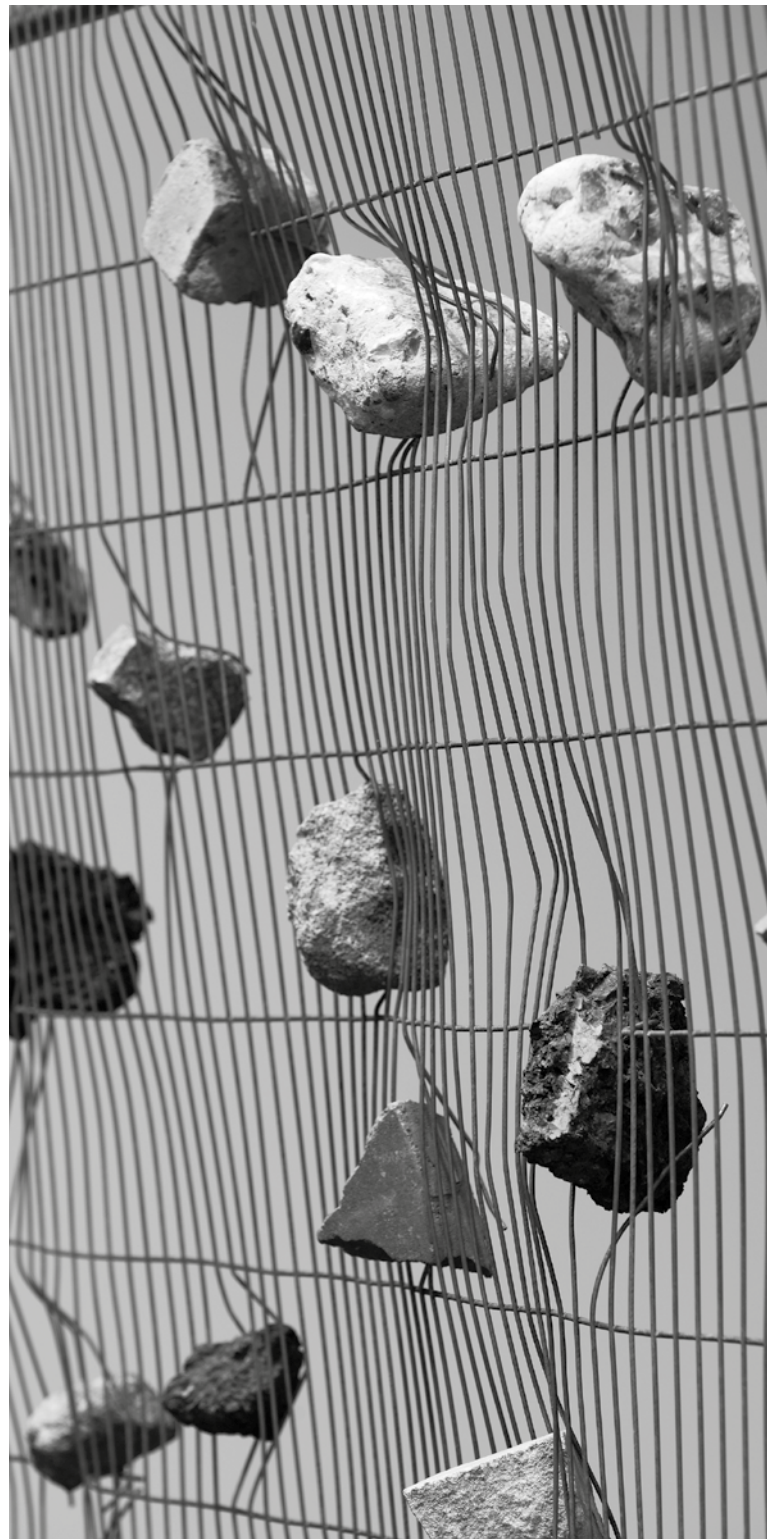
social e histórico. Através de entrevistas a terapeutas, médicos, psicanalistas, artistas, antropólogos, é equacionada a forma como, nos indivíduos como nas comunidades, os traumas históricos podem produzir uma dor (individual e coletiva) sobre situações que já não existem, mas que continuam a manter um poder fantasmático.



Untitled (couscous), 2009. Sêmola de trigo duro, 15 x 350 x 350 cm (aprox.). Colecção FRAC Centre – Val de Loire

Kader Attia (Paris, 1970) is a French-Algerian artist who has dedicated himself to research into the power relationships that continue to affect the post-colonial world, reflecting on the processes of domination that pass through the urban space and the way in which the migrant body is affected and politicised. Using film, sculpture, collage and the construction of environmentally intense installations, his work dialogues with the memory of modern architecture in Africa, its appropriation of the history of the local and vernacular architecture and its continued repressive interference in the lives of the population. Researching and incorporating contributions from several disciplines, ranging from anthropology to ethnology, psychoanalysis, political theory and aesthetics, Attia has also paid attention to the processes of repair, whether studying the mechanisms for the reuse of artefacts with contradictory origins in relation to their ritual or functional purpose, or looking closely at the processes for the repair of the body, reconfigured in terms of both its identity and politics.

This exhibition was originally organized by MAC VAL – Val-de-Marne Contemporary Art Museum.



On n'emprisonne pas les idées, 2018 (pormenor). Barreiras antitomotim, bases em betão e pedras. Dimensões variáveis (200 x 350 cm cada barreira)

Kader Attia nasceu em 1970 em Paris. Vive e trabalha em Berlim e Paris. Expõe individualmente desde 1996. O seu trabalho tem sido apresentado em exposições individuais em vários museus internacionais, nomeadamente Fundação Joan Miró (Barcelona), Palais de Tokyo (Paris), The Power Plant (Toronto, Canadá), SMAK (Gent, Bélgica), Palais de Beaux Arts de Bruxelas, KW Berlim, entre muitos outros.

Tem participado em inúmeras exposições coletivas e bienais, de que se destacam 57.^a Bienal de Veneza, 12.^a Bienal de Guangjiu (Coreia do Sul), *Curar e Reparar*, Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra 2017, 13.^a Bienal de Sharjah (Emirados Árabes Unidos), 12.^a Bienal de Dakar, entre outras.

Venceu vários prémios internacionais de arte de que se destacam o Prémio Joan Miró (2017) e o Prémio Marcel Duchamp (2016).

CURADOR
Delfim Sardo

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
Mário Valente

PRODUÇÃO
Fernando Teixeira

MONTAGEM
Bruno Cecílio
Jöris Dalle
Pedro Lagoa
Ricardo Leite
Laurindo Marta
Maria Torrada
Michael Bennett
Daniel Fernandes

AGRADECIMENTOS
Frac Centre-Val de Loire,
49 Nord 6 Est – Frac
Lorraine, Lehmann Maupin
(Nova Iorque), Nagel Draxler
(Berlim), Frank Lamy,
Julien Blanpied, António
Repolho Correia (Fundação
Calouste Gulbenkian),
Jacinto Lageira, Éric
Cantona, Aurélie Roguin,
Anna Grande, Burgonível,
Transucatas (SGR Ambiente)

COLABORAÇÃO
MAC VAL – Musée d'art
contemporain du
Val-de-Marne

FOTOGRAFIAS
Agagp, Paris, 2018
© Aurélien Mole

VISITAS GUIADAS
Mediante marcação
Tel. 21 761 90 78
culturgest.participar@cgd.pt

VISITAS AOS SÁBADOS
10 NOV 16:00
com Delfim Sardo
3 NOV, 24 NOV, 8 DEZ 16:00
com Ana Gonçalves

VISITAS À HORA DE ALMOÇO
29 NOV 12:00
com Delfim Sardo
25 OUT, 8 NOV, 22 NOV,
13 DEZ 13:00
com Ana Gonçalves

APOIOS

ife Institut für
Auslandsbeziehungen

**INSTITUT
FRANÇAIS**
Portugal

vivre
les
cultures **INSTITUT
FRANÇAIS**

Milaneza

Próximas exposições

SALOMÉ LAMAS

Artes Visuais x

Porto x

FATAMORGANA

27 outubro 2018 - 13 janeiro 2019
Culturgest Porto

JOÃO ONOFRE

Artes Visuais x

16 fevereiro - 19 maio 2019
Galeria

Culturgest